



A expansão da vida: os anarquistas no Japão pós-II Guerra Mundial

LUÍZA UEHARA DE ARAÚJO*

Após uma viagem pelo sul da Ásia, Higuchi Takurô surpreendeu-se ao encontrar com libertários nas Filipinas. Este inesperado escancarou que, onde menos se espera, haverá um anarquista fazendo de sua vida uma luta. Desde então, Takurô sugere a noção de *cogumelos selvagens* para marcar essa presença, pois, a qualquer momento, uma ação direta pode irromper e sobressaltar costumes obedientes e autoridades centralizadas como o cogumelo, que mesmo onde há luz, onde não há umidade ou mofo, brota.

Christian Ferrer salienta que para os anarquistas não há fronteiras estatais. Em qualquer canto do planeta haverá pelo menos um anarquista, uma “pereba negra nos 360 graus do atlas” (2004: 160).

Interessa apresentar alguns anarquistas neste percurso, ao aventurarem-se em deslocar-se do Japão e criar relações com o *ocidente* no pós-II Guerra Mundial. Não se trata de apresentar um ponto de origem para um movimento, mas sinalizar resistências anarquistas no Japão comumente pouco conhecidas ou tratadas como inexistentes quando se fazem comparações com os embates do começo do século passado.

No rescaldo da II-Guerra Mundial e com a invasão estadunidense, muitos anarquistas afirmaram o pacifismo e o antimilitarismo enquanto uma ação direta. Taiji Yamaga, diante da destruição, tentava rearticular em uma Federação os anarquistas sobreviventes e que não estivessem presos. Por meio do Esperanto, fortaleceu o contato com libertários na Ásia, principalmente na Índia, Europa e também nos Estados Unidos.

Yamaga tomou contato com os anarquistas na Associação de Esperanto Kuroita do Japão ao conhecer Sakae Ôsugi que com sua habilidade de desenho o ajudou a fugir do Japão em 1922 enquanto cumpria prisão domiciliar ao falsificar um passaporte com o qual pôde viajar pela China e França (ÔSUGI, 2014; HARUMI, 1993; MIYAZAKI, 2000).

Ôsugi é um dos mais famosos anarquistas japoneses, percorreu inúmeros países e traduziu obras que vão de Kropotkin a Max Stirner, publicou jornais, foi preso inúmeras vezes e chegou a declarar que a prisão tornou-se parte constitutiva de si, pois estar encarcerado o

* Pesquisadora no Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária) na PUC-SP. Doutoranda no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais na PUC-SP, bolsista CAPES.

fazia reafirmar a anarquia. Sua relação amorosa e livre com Itô Noe, anarquista que destoava do movimento feminista emergente no começo do século e fazia críticas contundentes a qualquer reivindicação estatal, abalou a sociedade japonesa e aos anarquistas que, ou os expulsaram das associações, ou passaram a desconsiderar suas existências. Em 1923, logo depois de ter sido deportado da França, o Grande Terremoto atingiu a região de Tóquio. Ôsuge, Nôe e seu sobrinho de 7 anos foram torturados, espancados e estrangulados pela polícia, que alegou terem caído em um poço durante os tremores.

Na década de 1930 com a ascensão do fascismo japonês, durante o Período Showa no Império de Hirohito, a iminente aliança do Japão com a Alemanha e a Itália, e a prisão de qualquer um que se identificasse como anarquista, Yamaga exilou-se e percorreu a China, Taiwan e Filipinas (GARCIA, 2013).

No pós-1945, retornou e deparou-se com um Japão devastado, recheado de bases militares estadunidenses. A nova constituição que modificou a sociedade japonesa ao desprover a família imperial de poder político e por dessacralizá-la, deixou o governo sob responsabilidade do oficial McArthur e estabelecia a renúncia “para sempre à guerra” (JAPÃO, Art. 9, 1947), levando ao fortalecimento das forças de ocupação e da polícia. Era urgente uma rearticulação dos libertários no combate às inúmeras violências que se seguiam, pois, como afirmava Pierre-Joseph Proudhon, onde há Estado, há *pequenas guerras cotidianas* que o mantém e que produzem obediências.

Ao final da guerra, inúmeros movimentos rearticularam-se. O movimento Zengakuren, conhecido por usarem seus capacetes de construção ao entrarem em confronto com a polícia principalmente em 1968, é proveniente de greves declaradas em 1945 pelos estudantes contra o fascismo na educação. A Zengakuren é abreviação de Zen Nihon Gakusei Jichikai Sô Rendô (União dos Estudantes autogovernados no Japão), jovens anarquistas tomaram parte do movimento que promovia inúmeras greves contra o autoritarismo nas universidades e contra os pactos com os Estados Unidos e romperam quando o Partido Comunista tomou sua direção (DOWSEY, 1970).

Os anos seguintes do capitalismo japonês seriam de crescimento econômico, impulsionado pela guerra com a Coreia e os pactos de exportação de produtos para os EUA.

Em 1946, foi fundada a Federação Anarquista Japonesa (FAJ), marcada pelo relançamento do *Heimin Shinbum* (Jornal Plebeu), lançado em 1903 por Kôtoku Shûshui e interrompido em 1910 por conta de sua execução.

Esse período foi marcado pela perseguição a Kôtoku e sua companheira Sagako Kanno. Kôtoku, jornalista e anarquista que dispensou o partido socialista de sua vida, e Kanno, também jornalista e anarcofeminista, lançaram-se em uma ação direta: matar o Imperador. Em 1910, Kôtoku foi preso com mais 23 anarquistas, entre eles, Kanno Sugako. Diante das acusações de violência, Kôtoku afirmou que a anarquia não produz violência, mas pelo Estado. E contra essa violência, é preciso a ação direta que dispensa qualquer representante que queira dizer ou guiar como uma revolução deve ser (PELLETIER, 2015).

As revistas *Freedom*, publicada por Piotr Kropotkin, em Londres e *Mother Earth*, nos EUA por Emma Goldman, lançaram fotos, artigos e apelos pela não execução dos anarquistas (*Mother Earth*, v. 5, n. 12). Não houve tempo para grandes repercussões; as condenações foram rápidas e, assim como aconteceria com Sacco e Vanzetti na década de 1920, nos EUA, 12 anarquistas foram condenados à força — técnica introduzida no Japão na Era Meiji enquanto uma humanização das penas em relação aos suplícios —, e outros 12 à prisão perpétua. Após escutar a condenação no tribunal, Kôtoku repetiu os gritos dos anarcoterroristas europeus: “Viva os anarquistas!”; “Viva a anarquia”. Foi executado com outros 10 em uma manhã de 24 de janeiro de 1911 depois de fumar seu último cigarro. Na manhã seguinte, Kanno também foi executada.

A reedição do jornal de Kôtoku proporcionou aos anarquistas restabelecerem seus contatos e, por meio de uma sessão redigida por Yamada em esperanto, foi inaugural ao circular por vários cantos do planeta. Até então, as notícias dos anarquistas no Japão circulavam somente por meio de cartas trocadas entre alguns.

No III Encontro da Federação em 1948, com cerca de 200 integrantes, debateu-se os limites do novo sindicalismo legalizado que fora instituído com a Constituição, a presença da base militar estadunidense em Okinawa e as ameaças frequentes aos anarquistas pelas tropas de McArthur. A reunião só articulava a região de Kanto (Tóquio e suas proximidades), mas a divulgação do *Heimin Shinbum* instigou a inauguração de outras associações anarquistas, como em Kioto, Osaka, Fukuoka, Hiroshima, Nagoya, entre os mineiros de Kiushu, os pescadores de Chizuoka e os camponeses de Nagano. Aumentava a quantidade de exemplares

que circulavam com traduções de Elisée Reclus, Piotr Kropotkin, Rudolf Rocker, Hebert Reed e anarquistas coreanos (GARCIA, 2013b).

Esse era um momento de reencontro dos anarquistas sobreviventes, de ter notícias do desaparecimento ou morte de tantos outros. No encontro de 1951, mesmo ano em que o Japão assinou o Tratado de Segurança, que autoriza os EUA a manterem suas tropas no solo japonês e, em caso de ameaças, estes devem defende-los, a Federação contava com anarquistas de variadas vertentes.

O debate sobre a construção de um plano de ação foi posto por alguns integrantes que propunham um programa plataformista. A Federação dividiu-se, de um lado os plataformistas e, de outro lado, aqueles que achavam importante reunir os libertários da Ásia, localizar materiais perdidos durante a Guerra e estabelecer contato com outras associações pelo planeta. No debate insolucionável e por conta da intransigência dos partidários do plataformismo, a Federação pulverizou-se, associando-se a outros grupos ou formando novos.

Os remanescentes, como Masamichi Osawa, que foi um dos fundadores com Yamaga, resolveram pela adoção do plataformismo:

A federação que iniciamos não era um órgão de contato anarquista como antes. Caracterizava-se como um grupo anarquista específico que se propunha a atuar com base em princípios e contrato. Nós organizamos a nova Federação partindo do seguinte pressuposto: a antiga Federação se limitava à reunião social em nome do anarquismo e não tinha força dos movimentos que se propõe à emancipação do gênero humano; ou seja, o progresso do nosso movimento não podia ser esperado sem as atividades precisas através de uma organização baseada em princípio e em contrato.

Apesar de tais expostos, o princípio e o contrato adotados pela Federação não foram devidamente discutidos por todos os integrantes. (...) O espírito que animara em um começo a Federação foi gradualmente ignorado e, como consequência, também se ignorou o significado do pacto.(OSAWA: 25/05/1962)

Apesar dos esforços de Osawa em justificar o ostracismo que cairia a Federação, outros anarquistas levaram adiante suas ações. Yamaga constatou que os associados dos novos grupos que estavam emergindo, em sua maioria, tinham nascido no século anterior e não conseguiam difundir material a não ser entre eles mesmos. Frente a esse impasse, sugeriu o lançamento do periódico *Kuro Hata* (Bandeira Negra) já que o *Heimin Shinbum* não instigava os mais novos. Este atraía a leitura de quem se sentia de ligado ao conceito de *heimin*, uma casta, semelhante à plebe, que existiu antes da Era Meiji, período de modernização do país (1867-1912).

Mesmo assim, a Federação deixou de ter o impacto que teve inicialmente, um de seus integrantes destacou:

Temos que elaborar um programa para atividades atuais, mas nunca consideramos isso. Nós temos um ideal de princípios, mas eles permanecem não realizados. Temos alguns integrantes espalhados pelo país, a maioria são apenas nomes no registro que não fazem nenhum contribuição; outros são apenas simpatizantes. (...) Temos alguns esforços dispersos. De positivo temos um boletim irregular e esporádicos encontros que ninguém presta muita atenção... (YAMAGUCHI: s/d)

Yamada, mesmo com o enfraquecimento da Federação, continuou a afirmá-la e realizava viagens à Europa distribuindo artigos sobre os anarquistas no Japão.

A Federação perdeu mais espaço ao não associar-se a outros grupos anarquistas que criticavam o Stalinismo e sua ação na Hungria em 1956. Somou-se a isso, não tomar parte das manifestações anti-AMPO (Amerika-Japan Joint Security Treaty – Tratado de Segurança EUA-Japão), que previa o uso dos aeroportos japoneses pelas tropas estadunidenses a qualquer momento; com a Guerra do Vietnã, o aeroporto de Haneda (próximo a Tóquio) ficou sobrecarregado com os voos estadunidenses.

Um novo aeroporto precisava ser construído, a região escolhida foi de Sanrizuka, e não tardou para os confrontos que ocorriam em Haneda contra a presença dos estadunidenses e contra a guerra se alastrassem para todo o Japão. Inúmeras greves e confrontos entre camponeses, estudantes, trabalhadores e a polícia estavam acontecendo, em uma luta tanto contra a guerra como também contra o governo japonês. (GARCIA, 2013)

Entretanto, a Federação não se atentou ao acontecimento. O jornal *The Echo*, editado por Tadakata Hirayama na década de 1960 e publicado em inglês, fez um levantamento sobre a Federação: “O estancamento do movimento durante 10 anos provocou impaciência e esgotamento em seus integrantes. Suas causas poderiam estar em sua organização defeituosa, uma teoria central do anarquismo exposta enquanto vanguarda” (apud GARCIA, 2013b: 144).

A Federação tentou reanimar-se em 1962, mas o grave estado de saúde de Yamada também a fez enfraquecer. Yamada sofreu com complicações de uma úlcera e em 1961 perdeu parte de seu estômago, ficou acamado por 9 anos, morreu em 1970, mesmo assim, recebia anarquistas em sua casa e apoiou, em 1968, o fechamento da Federação. (GARCIA, 2013).

Em inúmeros textos, os anarquistas japoneses tentaram explicar, dar suas versões ou realizar balanços sobre o fracasso/sucesso da Federação e o que levou ao seu fim em 1968.

Apesar de definir, a Federação problematizou a invasão estadunidense enquanto muitos a viam como um benefício por legalizar os sindicatos e impor um sistema eleitoral, e ainda possibilitou que muitos libertários se reencontrassem ou se conhecessem e dali se lançassem em outras associações.

O ano de 1968 foi marcado por uma série de revoltas que invadiram as ruas das províncias japonesas, a Zengakuren extrapolava ao controle do Partido Comunista, os confrontos intensificavam-se e se avistava bandeiras negras contra a guerra e contra as ações dos governos estadunidense e japonês. Neste ano, a obra de Bakunin volta a ser lida; não havia traduções desta desde meados da década de 1930, e a única leitura disponível até então era a biografia escrita por Osawa em 1961 (TANAKA, s/d).

Um dos desdobramentos da Federação ocorreu em 1975, quando Fumiharu Yoshioka com uma bandeira negra foi à Cúpula Genbaku (Bomba Atômica), localizada no hipocentro da explosão atômica de 6 de agosto de 1945 e conhecida como Memorial da Paz de Hiroshima

Nas margens do Rio Ota, em meio aos inúmeros enfeites e monumentos consagrados pela ONU, às recordações em fotos e depoimentos, e das lembranças em cânceres e cirroses, Yoshioka, sozinho, com seus cartazes escancarou que a guerra, a bomba, a miséria são produtos do Estado.

Nos anos seguintes, associou-se a outros anarquistas e inauguraram a *Associação para Estudos Anarquistas de Hiroshima*, que, entre seus integrantes, estava o anarquista francês Philippe Pelletier, um dos responsáveis em divulgar as práticas anarquistas no Japão que ocorreram principalmente no começo do século XX. A associação também realiza o *Encontro Anarquista de Hiroshima*, reunindo libertários de diferentes procedências e locais com palestras, conversas, troca de materiais... todas as manhãs de 6 de agosto, anarquistas percorrem o centro de Hiroshima gritando “contra a guerra, contra a energia nuclear, contra o Estado!”.

As curtas frases quebram o coro que glorifica a *cidade da paz*, cosmopolita, altamente monitorada, ainda saudosa dos seus dispostos *kamikazes*; escancaram a condescendência com a invasão estadunidense que fez do Japão base estratégica em guerras na Ásia na década de 1970; não deixaram esquecer o consentimento com a proibição em se falar sobre a bomba nos

anos seguintes e a perpetuação do estigma de emissor da doença da bomba que carregam os sobreviventes, seus filhos e netos, ou, como são conhecidos, *hibakusha* (bombardeados).

Hoje, anarquistas em Tóquio tentam resgatar sua história no CIRA Japana (grafia em esperanto) e evitar que o material se perca em novas perseguições. O CIRA foi fundado em 1970 quando o jovem Hiroshi Ozeki visitou a sede de Lausanne: “No CIRA da Suíça, existem muitos jornais e panfletos que foram publicados por anarquistas de vários países. Mesmo uma ótima biblioteca não teria esse tipo de publicação. Os autores desses materiais não são pedagógicos, mas militantes” (apud KOYA, 2015).

Entre os anos de 1974 a 1980, o CIRA e a associação SIC (*Section for International Correspondence* – Seção para Correspondência Internacional) de Nagoia/Kobe publicaram o jornal *Libero Internacional*, com traduções para o inglês de inúmeros textos de anarquistas do começo do século passado, tornando-se uma importante fonte para o *ocidente* a respeito das resistências anarquistas na Ásia.

O CIRA ainda possui pouco material; a associação não funciona somente como arquivo, mas principalmente como um *infoshop* para distribuição de zines e publicações de anarquistas pela Ásia. O espaço, em recentes manifestações contra as ações militares de Shinzo Abe, primeiro ministro do Japão, tornou-se também um ponto de encontro entre anarquistas tanto para buscar informações, como para rearticular a manifestação.

Os libertários no Japão combatem a presença das bases militares estadunidenses que recortam o território, usinas nucleares, marchas fascistas de ressentidos da derrota na Guerra e tentam sacudir um povo acostumado à obediência ao Imperador e ao primeiro ministro. Suas ações são alvos da polícia que os detém para interrogatórios que duram mais de 20 dias. Não há qualquer questionamento sobre os desaparecimentos. A população educada e exemplar segue fiel à nação e professa o lema submisso de que “quem não deve, não teme”.

...

Certa vez, Sakae Ôsugi afirmou que a cultura japonesa é pautada na harmonia, sendo maléfica qualquer discordância que atinja a ordem hierárquica das coisas. Para o anarquista, era necessário provocar o desacordo enquanto um movimento da vida, mesmo entre seus companheiros: “Oh, lutando contra esta *ordem*, nós devemos fazer a *desordem* em toda a nossa vida. *Ordem* é nossa morte, e *desordem* é nossa vida” (1/11/1914).

O movimento de destruição é o movimento da *expansão da vida*, mesmo que, por vezes, possa levar ao fim da própria vida. Como os suicídios cometidos por anarquistas japoneses ao recusarem-se a serem executados pelo Estado. Um dos mais famosos foi o de Kanno Sugako, na década de 1920, que, após se presa por tentar assassinar o Imperador, foi condenada à prisão perpétua e optou por enforcar-se a ter de passar o resto de sua vida encarcerada.

Neste breve texto, busquei trazer os anarquistas do outro lado da Terra diante da devastação, da morte, de seus fracassos, suas perdas e que, como *cogumelos selvagens*, continuam a provocar a *expansão da vida* diante de uma população obediente e servil. “Eu vejo a beleza da vida na revolta e na destruição (...). Harmonia não é bela. A beleza está na discórdia. Harmonia é uma mentira” (ÔSUGI, 1/07/1913).

Referências

- DOWSEY, Stuart (ed). **Zengakuren**: Japan's revolutionary students. Berkeley/Tokyo, 1970.
- FERRER, Christian. Rigorosamente de negro. **Verve**. N. 5. São Paulo: Nu-Sol, 2004, p. 160.
- GARCIA, Victor. **Tres anarquistas japoneses**: Kôtoku, Ôsugi y Yamaga. Grupo Cultural de Estudios Sociales de Melbourne y Acracia Publications, 2013.
- _____. **Museihushugi**: el anarquismo japonés. México DF: La Neurosis o Las Barricadas ed., 2013b.
- HARUMI, Setouchi. **Beauty in disarray**. Translated by Sanford Goldstein and Kazuji Ninmiya. Boston, Rutland, Tokyo: Tuttle Publishing, 1993.
- JAPÃO. Artigo 9º. **Constituição de 1947**. Disponível em: http://japan.kantei.go.jp/constitution_and_government_of_japan/constitution_e.html. Acesso em 13/08/2017.
- KOYA. **CIRA Japana**. Material distribuído no Encontro de Hiroshima. 2015.
- MIYAZAKI, Manabu. **Kami Ni Inorazu: Ôsugi Sakae Wa Naze Korosareta No Ka. Tankobon**. Asuka Shinsha, 2000.
- OSAWA, Masamichi. "About the reorganisation of JAF". **The Echo**. Kobe: 25/05/1962.
- ÔSUGI, Sakae. Chitsujiyo biran. **Gekkan Heimin Shinbum**, 15/11/1914.
- _____. My escapes from Japan. Translation by Michael Schauerte. Tokyo: Doyosha, 2014.
- _____. Sei no kakujû. **Kindai Shishô**. 1/07/1913.
- PROUDHON, Pierre-Joseph. A Guerra e a paz. **Verve**. N. 19, pp. 23-71.
- TANAKA, Hikaru. Bakunin and Japanese anarchist. s/d. Disponível em: <http://kansai anarchism studies.blogspot.com.br/2014/07/bakunin-and-japanese-anarchist.html>.